

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça de S. Thiago

Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMÁRIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de GuimarãesOfficinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

Em obediencia aos motivos que fazem retirar o nosso director das luctas da imprensa, enquanto não houver melhor lei de imprensa, ou mais intelligente censor, substituímos a habitual prosa da casa pela prosa brilhante do maravilhoso artista que se chama Cunha e Costa. O leitor só terá a lucrar com a troca.

Ao nosso brilhante collega *O Dia* pedimos venia para a transcrição e aos nossos prezados leitores pedimos que o leiam com a devida atenção porque será tanto maior o seu prazer quanto mais attentamente o lerem.

NEVOEIRO CERRADO

Aquelle nevoeiro cerrado, a que ha dias me referi, continua a dificultar e até a impedir as nossas excursões pela ria e mar. Hontem, pela tarde, levantou um nadinha. Fômos cercar a barra com um espínel de seiscentos anzoos, que nos deu dois robalos, uma sôlha, um redovalho e duas enguias mais viscosas e vermiculares do que a *veneranda reliquia*. Fraca pesca, e nada parecida com as hecatombes que ao largo do Cabo da Roca vai fazer o meu querido amigo D. Fernando de Lencastre, o pescador-amador mais sabio e *carola* que conheço. Hoje, porém, nem á petinga se pode ir. Não se vê um palmo adeante do nariz e as companhas não se atreveram a affrontar a cerração. Quem lucra (ou quem perde) com isto são os leitores d'*O Dia*. Ha vagar para conversar.

De varios pontos do paiz pedem a minha opinião acerca da intervenção de Portugal na guerra, extranhando que nem no assumpto ainda tivesse tocado. O meu silencio explica-se por muitas razões, sendo a principal o horror que nós, os advogados, temos aos articulados sem factos, méramente palavrosos. Não posso emitir opinião acerca do que não conheço: é-me defezo resolver um problema cujos elementos me são teimosamente sonogados. Dentro dos preceitos da logica não ha sillogismo sem premissas. Como ha de uma pessoa com o sentimento do que deve a si e aos outros emitir opinião acerca de negociações, decerto copiosas e prolongadas, que totalmente ignora!?

A guerra é de todas as complicações em que uma nação se pode achar envolvida a mais grave. Só o *estado de necessidade* a justifica, e até certo ponto explica as tremendas violações do direito a que dá azo. Esse *estado de necessidade* é constatado em notas, memorandos, protocolos, inqueritos, communicações, em toda a especie de papeis diplomaticos, e constitue um ou mais livros de côres diversas pelos quaes se determina o voto nacional. O livro verde e encarnado do occorrido entre Portugal e as nações belligerantes ou neutras, desde agosto de 1914, ainda não foi publicado, nem ha esperanças de que o seja. Como chegamos ao rompimento com a Alemanha? Como chega-

mos á intervenção na guerra? Podiamos ter deixado de intervir nesta, sem prejuizo dos nossos interesses moraes e materiaes, ou tal intervenção é imposta pelo *estado de necessidade* a que alludimos? Está em jogo o interesse *patriotico* isto é, o de nós todos, sejam quaes forem as nossas opiniões politicas e as nossas crenças religiosas, ou apenas o interesse *politico* do regimen ou de um ou mais partidos do regimen? Não sei; ninguém sabe. Os unicos documentos que nos forneceram constam de afirmações do governo e de um ou outro papel fragmentario. E' muito pouco; nada é. Deliberar, em taes condições, equivaleria a pretender que o jury commercial ou criminal resolvesse... pela *palavra de honra* de advogado. Aqui tem os leitores d'*O Dia* a razão principal do meu silencio. A nossa intervenção na guerra poderá ser um acto *branco* ou *negro*, conforme circumstancias que eu, que todo o paiz totalmente ignoram.

O que porém, é certo é que os monarchicos *nenhuma intervenção, proxima ou remota, tiveram na acção diplomatica e politica* que nos levou á situação actual, e cujas glorias e responsabilidades inteiramente cabem, no meu fraco conceito, aos partidos republicanos democratico e evolucionista. Seria tão injusto negar-lhes o premio d'essas glorias como perdoar-lhes uma parcella das responsabilidades em que porventura venham a incorrer. O que convem accentuar, de um modo exclusivo de qualquer sophisma, accentuar de um modo insistente e até pleonastico, é que os monarchicos não foram ouvidos nem chamados para a *acção politica ou diplomatica que conduziu Portugal á intervenção na guerra*. Não seria até mau (supponho eu) que isto constasse de um documento bem solenne e publico, expedido por quem tiver auctoridade para o fazer.

Não foram ouvidos nem chamados, e antes, muito pelo contrario, os seus protestos de solidariedade tem sido systematicamente repellidos, como repellidos tem sido os seus voluntarios e reiterados offercimentos. Esta attitudé prova, em primeiro lugar, que os responsaveis pela situação actual estão certos, certissimos do tino com que se houveram e do exito da orientação que tomaram; e prova ainda que não ha *plataforma possivel de entendimento entre elles e os monarchicos*, porque, se quando um não quer, dois não brigam, a briga é certa quando uma das partes obstinadamente a procura e fomenta.

Sempre assim o pensei. O conhecimento profundo, que tenho da mentalidade republicana, não deixa margem para illusões fagueiras. Não ha, nada pode haver de commum, entre um espirito enfrasado em Marat e outro absorto em Barrès. Sobretudo, não ha, não pode haver conciliação possivel entre duas creaturas uma das quaes procura um *interesse* e a outra um *direito*. A *conquista dos logares* é absolutamente incompativel com a *garantia dos direitos*.

A solidariedade dos monarchicos com o actual estado de cousas

(e decerto é essa a que o Senhor D. Manuel recommenda) não pôde, portanto, ir além da *abstenção revolucionaria* e da *communhão no sacrificio*, onde o haja. Solidariedade *politica* ou *moral*, *nenhuma, nem sequer remota*, e antes (repito) a *afirmação reiterada, peremptoria, solemne, irretractavel*, de que as glorias e responsabilidades do actual estado de cousa pertencem *inteiramente* aos partidos republicanos democratico e evolucionista, pois justo é exceptuar do caso o partido unionista, embora bem deploraveis fossem as declarações recentes do seu chefe acerca da sua attitudé no 14 de maio. Homem intelligente, unico dos chefes republicanos com *senso politico*, mas a quem a superstição republicana, a vaidade desmarcada e uma supplementar vesícula biliar fazem sempre perder, nos momentos decisivos, o fructo da penetração e previsão que incontestavelmente possui!

Não é uma lucta de *principios* a que os republicanos movem aos monarchicos. Se o fôsse, esta teria sido a oportunidade de um concerto que, deixando os principios salvos, reconciliasse os homens. A intervenção de Portugal na guerra era o momento, sem precedente nem succedaneo, de amnistiar odios, vexames, violencias e sobre tudo isso fazer perpetuo silencio. Movem-nos, porém, os republicanos portugueses de agora á mesma lucta que aos conservadores francezes moviam os terroristas de 93: uma lucta de *interesses*, que não perdôa e desesperadamente defende. E' a *lucta pela vida*, que num paiz pobre, sem ideias e com a vaga intuição de que a sua missão historica é finda, reveste, necessariamente, os aspectos mais absurdos e barbaros. Os monarchicos que se obstinam em vêr a questão por outro prisma e se exgotam em vão appêllos á concordia nacional, baseada num *sentimento patriotico commum a todos* os portugueses, estão fóra da vida e das suas cruéis realidades. *Transigir* seria chamar á vida publica os monarchicos, ceder-lhes uma parte do poder que os republicanos exercem, e, pouco a pouco, por um phenomeno de osmose e endosmose politica, moral e social, facilmente comprehensivel, admittil-os á partilha do governo. Isso nunca os republicanos farão.

O proprio facto dos unionistas de longe em longe nos tratarem com uma consideração superior á que democraticos e evolucionistas nos ligam, não contraria a minha these e antes a confirma. A situação do snr. Camacho e dos seus amigos é sensivelmente a de Seyès antes do 18 brumario e a de Sagasta, nas vespéras de Sagunto. Os unionistas são um partido sem soldados, mas que possui o melhor officialato republicano. Das três facções do regimen seria a unica que nada perderia com a restauração, ao passo que dentro das condições da politica republicana nacional a sua vida, a não sobrevir um azar improvavel, está condemnada a um inglorio e incommodo vegetar. Com effeito, os principios que proclama são absolutamente inexequíveis dentro do existente. E

tanto isto é verdade, que não ha entre os monarchicos mais detestados pelo regimen nenhum que o seja tanto quanto o snr. Camacho, republicano da propaganda, republicano de sempre, republicano historico...

E quem suppozer que aos republicanos apraz uma attitudé monarchica conciliadora engana-se redondamente. A mentalidade da enorme maioria dos nossos republicanos, toda inspirada na rua de 93, exclue a tolerancia. Ella só respeita, se alguma cousa respeita, a intolerancia adversa. A generosidade chamará *fraqueza*, e a mão do adversario, aberta e estendida num gesto que vem do coração parecer lhe-ha *mão de pedinte*. As cousas são o que são, e em Portugal são assim.

Por isso entendo que com as instruccões do Senhor D. Manuel e o reiterado offercimento do snr. João Coutinho (e não cito outros porque, conhecendo-os, sei que aquelle homem, bravo entre os bravos, os interpreta a todos) os monarchicos cumpriram integralmente o seu dever patriotico. Insistir, não só não seria *politico* como nem sequer seria *digno*. Os republicanos não desejam e antes systematicamente repellem a nossa cooperação porque, convencidos de que a victoria dos aliados é a consolidação da republica, não querem a partilha da gloria. E' um ponto de vista como outro qualquer, que me faz sorrir, mas cria uma situação *de facto*, impossivel de contrariar por agora. Todo o paiz sabe o que penso acerca da victoria dos aliados: reputo-a *certa e total*. Quanto á sua influencia sobre a consolidação da republica, reputo-a *nulla*. De resto, a minha ancia pela victoria dos aliados nada tem que vêr com a republica ou com a Monarchia. A minha profunda antipathia pela Alemanha não provém da questão nacional, que (repito) ainda não conheço; vem de muito longe e resulta de uma mentalidade politica, social e moral, que considero inimiga do genero humano, em geral, e, em especial, inimiga da França, que amo na mesma proporção em que detesto o jacobino indigena, o que, para quem me conhece, significa muito, significa tudo.

E para que este artigo feche melhor e sobretudo, *mais alto* do que abriui, lhes darei varias noticias que talvez ignorem. A subscrição aberta pelo monarchico e pelo catholico Maurice Barrès a favor dos mutilados na guerra excede já largamente *dois milhões* de francos. E' a maior cifra jamais atingida, em França, por subscrição publica ou privada. Na Universidade de Oxford, viveiro de toda a joven officialidade britannica, tendo fornecido aos exercitos de Kitchener *doze mil* officiaes e contando já mil mortos, lentes e estudantes *dão graças a Deus* no fim do jantar. Finalmente, o sexto exercito de Paris (duas divisões territoriaes e a brigada marroquina) entenderam que o melhor modo de celebrar os seus mortos era uma missa solemne dita por monsenhor Marbeau, bispo de Meaux.

São estas notas que me interessam e commovem.

O resto, isto é, tudo quanto não seja a eclosão de um *valor espirital*, que me importa!

Cunha e Costa.

O DIA

Fez-nos este nosso illustre e brilhante collega a honra de umas amaveis referencias a proposito das palavras benevolas e altamente lisongeiras com que nos distinguio o nosso prezado collega local *Commercio de Guimarães*, e conclue afirmando que seria para elle de grande jubilo que, (como o *Commercio de Guimarães* afirma), o alto exemplo de civismo e de constancia no soffrimento que o illustre Director do *Dia* tem dado, fosse motivo para regressarmos ás pugnas da imprensa.

Agradecendo desvanecidamente os louvores que, por partirem de tão alto, são só por si um valioso premio ao ardor com que temos combatido pela sagrada causa da redempção da Patria pela Monarchia, não podemos deixar de dizer que não será preciso um tão alto incitamento.

E' certo que o grande jornalista e grande patriota que é o Snr. Moreira d'Almeida é pharol e guia neste mar proceloso da politica portugueza, por que todos se devem guiar; a sua coragem moral e a sua fé civica são superiores a todo o elogio, mas, não é a fé, nem a coragem, nem a constancia que nos faltam: por esse lado, somos felizmente regularmente dotados pela Natureza; o que nos falta é a paciencia e uma outra virtude que não sabemos definir, pela qual se vence o sentimento do nojo. Nós não estamos positivamente cançados, nem desiludidos; nem assustados, nem nada d'essas coisas que fazem recuar os fracos e os tibios: estamos simplesmente enojados e nada mais é do que nojo, o sentimento que nos provoca a censura e a maneira despotica e inconsciente porque ella se exerce presentemente em Guimarães.

E' esta a razão porque preferimos embainhar a espada a sujá-la de cada vez que temos de nos servir d'ella, quites a faze-la faiscar de novo ao sol, o bom sol da Liberdade quando elle tiver enxugado o pantano e morto os kagados que nelle chafudam.

Entretanto os «Echos de Guimarães» continuarão a sua carreira, com uma apreciavel vantagem para os seus leitores: ha de ser substituida a sua mesquinha prosa, pela dos luminares da imprensa portugueza que, com a devida venia, transcreveremos.

Os assignantes não serão assim lezados nos seus interesses, os redactores nada perdem da sua dignidade, e os outros, nada perderão tambem por esperar.

Eis aqui as razões que impedem o director dos «Echos» de seguir por agora o exemplo do seu eminente Mestre e de acceder ao desejo que se digna formular de ver regressar á frente da batalha um combatente, que, com mais amabilidade que justiça, tão lisongeiramente qualifica.

Aclaração

Para elucidação dos leitores que por acaso o não sejam do nosso prezado collega local «Commercio de Guimarães», transcrevemos parte da carta que o nosso director dirigiu aquelle brilhante bi-semanario. Ella dispensa mais explicações.

Julgo do meu dever aproveitar a oportunidade para reparar o agravo que aqui mesmo fiz ao Sr. Antonio Luiz da Silva Dantas, administrador dos Echos de Guimarães.

Convencido que lhe pertencia a auctoria de umas palavras elogiosas para mim é certo, mas que collocadas a seguir a outras em que me referia ao meu querido parente e amigo Luiz Martins, de saudosa memoria, me deixavam exquisitamente collocado a mim, não lhe poupei a manifestação publica do meu desagrado. Sabendo hoje que nenhuma culpa teve no fracasso, publicamente tambem lhe apresento as minhas desculpas. E visto não haver entre nós antagonismos, não ha razão para se extinguirem os Echos de Guimarães.

Antonio de Carvalho Cyrne.

POESIA E LITTERATURA

(TRAD. DE A. D.)

... Et tout le reste est littérature

VERLAINE.

Poesia e litteratura são dois termos que geralmente se confundem, sem se suspeitar sequer que a litteratura nasceu do decaimento da Poesia e que o seu nascimento corresponde á dissociação da acção e do pensamento.

Para a sociedade actual, a Poesia é sonho, isto é, uma coisa que não existe realmente. Varios sabios e philosophos, pelo menos, assim o pensam e dizem.

No Congresso philosophico de Bolonha, em 1911, um dos congressistas desdenhou, numa discussão philosophica, os argumentos do adversario, qualificando-os de poesia.

E' mister pois vingar esta palavra, restituindo-lhe o sentido primitivo e verdadeiro e mostrando que, pelo contrario, ella é a realidade essencial, porque unifica o pensamento e a acção e porque o regresso á humanidade synthetica só se poderá fazer restabelecendo o Poeta na sua antiga dignidade e no seu sentido social.

E' claro que no presente, em que o pensamento e a acção se opõem e em que tudo, arte, sciencia e religião, se divide e se subdivide, a Poesia é uma coisa diferente.

O homem de pensamento transmite ao cerebro fragmentos de vida, que se chamam factos, e cria, assim, principios a que o homem de acção vae buscar o incitamento necessario para agir.

D'ahi a separação do acto e do pensamento e o desequilibrio da vida.

Só os Gregos conheceram a unidade do pensamento e da acção, isto é, a Poesia.

Para elles, o ensino, que é ou deve ser a preparação para a vida, denominava-se Poesia.

Os Romanos tinham já inventado as «letras» ou, por outra, a litteratura, uma especie de repouso da acção.

Cicero, apesar de as louvar, justificou o motivo por que cultivava as letras.

O divorcio estava consummado.

Como agora, havia litteratura, por conseguinte homens de letras, uma categoria, uma profissão.

Horacio, poeta nas suas horas, foi, antes de tudo e sobretudo, um

homem de letras, enquanto o simples bom senso taxaria de ridicula a denominação de homem de letras applicada a Homero, porque, no seu tempo, o poeta era positivamente homem de acção, como era cidadão modelar, apto para todas as funções, orador e soldado.

Chamava-se Ésquilo, Sófocles e tambem Platão, porquanto Platão foi essencialmente poeta.

Quando Platão quiz banir os poetas da sua republica, não pensava que se bania a si mesmo.

Para o publico, hoje em dia, poeta é o que faz versos que aquelle não lê; e litterato é o que escreve livros em prosa, que se compram.

O equivoco é tão completo que o publico chama poetico ao que é gentil, precioso, bonito, artificial, numa palavra, ao que é o contrario da poesia.

Não sabe que os versos constituem tanto a poesia como um bloco de marmore a escultura.

Ignora que ser poeta é sentir musicalmente e exprimir-se, por meio do ritmo, com palavras sonoras, quer sejam rimadas, quer não; que o som, além do sentido grammatical, o unico que elle comprehende, tem outro sentido profundamente intimo, que, com a força das suas vibrações, engendra o acto humano.

Não só ignora isso, mas tambem não está longe de julgar absurda essa verdade que é tão eternamente activa como a luz.

Desconhece que um heroe é sempre um poeta, como desconhece que uma grande vida não é senão um sonho realizado.

Mas se a Poesia é a alma do mundo em acção, a litteratura é o seu reflexo. Effectivamente, a litteratura reflecte a instrucção e descreve as paixões; representa a incessante variedade do mundo sem remontar á unidade que a gera, o que seria transformar-se em poesia e incorrer na desconsideração publica; corteja o que é ephemero: a moda; até parecendo combatê-lo, segue o gosto do momento; produz a obra, hoje reclamada, amanhã esquecida; consagra as celebridades e desconhece a gloria; enriquece-se; vive pelo pensamento e não para o pensamento; como profissão, avalia-se pela quantidade; esquece que o pensamento impregnado de infinito, que pesa o universo, só se afirma pela qualidade, pois que o seu limite é a sua possibilidade de extensão; as incoherencias não a assustam; denomina as coisas, olhando á sua inandade, no theatro, equilibra o actor com o alfaiate e o talento da actriz com a sua roupa branca; o nu melindra-a, e a denudação encanta-a; defende a moral com hypocrisia e o pudor com indecencia; gosta do bonito, mas a belleza é-lhe indifferente; não a detesta, mas tambem a não ama; escrava das realidades immediatas, não tem tempo de se preocupar com a belleza; mas ainda que o tivesse, não se mexeria, porque é rude defender o bello. Comtudo, arde em actividade, analisa, critica, louva, censura, e applaude, quando não mata a obra prima.

Diz Milton:

«Aquelle que mata um homem, só mata um homem; o que mata um livro, mata porém uma ideia, e são precisos seculos á humanidade para reparar o seu crime.»

A litteratura, inconscientemente, é ás vezes criminosa! Victimada do divorcio da Vida e do Pensamento, corpo d'onde o espirito se retirou, a litteratura, submettida aos reflexos inferiores, accentua o seu desacôrdo intimo com a Poesia.

Associada aos negocios, torna-se commercial e industrial.

O horizonte terreno abrange-a.

Esquece que o poeta, chamado vates pelos Latinos, isto é, propheta, é aquelle que lê no ceu os destinos do mundo e que as estrellas mentem menos que os homens.

Erguer os olhos é o que o actual homem do mundo chama sonhar, e o poeta é o sonhador. E que vale um homem que não olha para a terra?

O litterato não soffre tal desdem, porque é susceptivel de utilidade, audaciosa é verdade, mas profissional.

A humanidade desaparece sob a profissão e a synthese sob a analyse.

Diz Carlyle:

«Por toda a parte, o coração da natureza é musica.»

O poeta ouve o coração da natureza, porque, de todos os homens, elle é mais homem, e porque poesia, musica e belleza são synonymos e as três vias que reconduzem á unidade.

A diversidade das coisas harmoniza-se nelle e os contrastes alliam-se.

E' d'elle que falla um grande sonhador, Villiers de l'Isle-Adam, quando escreve:

«O poeta é dos seres que conhecem os caminhos da vida e desejam conhecer a senda da morte. Esses seres, para quem deve vir o reino do Espirito, desdenham os annos, porque são possuidores do Eterno. No fundo dos seus olhos sagrados vela um clarão mais precioso do que milhões de universos sensíveis como o nosso, desde o equador até Neptuno.»

O poeta vela e espera que esperte a Billa adormecida no bosque, a dolente humanidade.

Quando do leito, em que o deitaram seculos de analyse, ella se levantar para viver o seu sonho de belleza, reconhecera nos olhos do velador a luz que banhou o seu sonho e verificará que aquelle que mais agiu foi aquelle que mais sonhou.

EMILIO SIGOGNE.

PIOS

—em que cada um piará a seu gosto, se a censura a isso se não oppuser.

A questão do assucar

Conflicto entre o ministro do trabalho e os retalhistas de Lisboa

(PELO TELEPHONE)

Lisboa, 30

Os vendedores de viveres a retalho tiveram hoje uma conferencia com o sr. ministro do trabalho sobre a questão de subsistencias, especialmente sobre a venda do assucar nos seus estabelecimentos.

O ministro disse que o assucar existente deveria ser distribuido pelos commerciantes por intermedio da cooperativa dos vendedores ou mediante a junta de parochia.

Como os vendedores discordassem d'esse alitre, lembraram que, para evitar reclamações, perdas de tempo e outros inconvenientes, o assucar fosse distribuido pelos estabelecimentos como antes da crise, dando-se liberdade ao commercio, pois que assim, devido á concorrência, o preço desceria e a venda do assucar voltaria á sua normalidade.

O ministro retorquiu que isso seria permittir a continuação de gatunices, expressão que fez irritar os retalhistas, falando-se na questão das aguas de Rodam.

Azedando-se d'este modo a entrevista entre os vendedores e o ministro, este mandou os pôr fora do gabinete, percorrendo então as redacções á communicar o succedido e resolvendo que fechasse amanhã o commercio, pela 1 hora da tarde, como protesto e que reunam os vendedores, pela 1 e meia, no Terreiro do Paço, afim de irem ao parlamento, para que os representantes em côrtes expliquem a sua attitude.

Esta noite foi convocada uma

reunião das juntas de parochia no governo civil, entidades que estão incumbidas da distribuição do assucar, para os interessados deverem requisitar amanhã o assucar que julgam necessario para os seus clientes.

Só depois de examinarem essas requisições é que o assucar será distribuido, não segundo a quantidade pedida, mas segundo o criterio dos membros das juntas de parochia.

Os grandes commerciantes, que tinham feito grandes encomendas de assucar, estão resolvidos a não fazer mais requisição alguma, como já aconteceu com o assucar americano.

Portugal na guerra

A cooperação militar do Portugal

PARIS, 9.—Todos os jornaes se occupam da sessão do dia 7, no parlamento portuguez, classificando de memoravel e historica esta data, pelo desenvolvimento da cooperação de Portugal aos alliados. O dr. Affonso Costa, na sua recente viagem, conseguiu ter tempo para deter-se em San Sebastian, a fim de desmascarar as intrigas allemãs, demonstrando que as intenções de Portugal são as mais honestas. E' necessario não exagerar, nem precipitar os acontecimentos. Até ha pouco, o exercito portuguez não existia, mas o governo preparou-o para a lucta moderna, tornando os seus soldados um magnifico elemento. Portugal tem um esplendido passado militar, tendo podido Napoleão e Wellington apreciar os como colaboradores ou adversarios, demonstrando ambos por elle uma grande sympathia.

E' preciso ser prudente sobre os effectivos e levar até á perfeição o treino das tropas. Mas se a guerra se prolongar, Portugal pode ter occasião de se distinguir.—S.

«—O nosso paiz não foi nem será nunca conhecido no mundo como o paiz dos farrapos de papel. A alliança anglo portugueza é a mais antiga entre as nações, comprehendendo muitos tratados, que constituem, por assim dizer, um codigo, cuja caracteristica é afirmar a solidariedade completa na vida politica e colonial dos dois paizes. E' isto que torna Portugal e a Gran Bretanha duas nações inseparaveis.

«Nos tempos da monarchia, a politica exterior portugueza limitava-se á côrte. Na realidade, a realença pretendia utilizar a alliança com a Inglaterra para servir um fim inteiramente opposto aos sentimentos do povo.

«Porque, de facto, o que a dynastia de Bragança procurava era dar á nossa politica exterior a orientação germanica.

«A Republica, porém, soube pôr as coisas nos seus devidos logares, tornando se interprete dos interesses e dos desejos do paiz, tendo conseguido, por assim dizer, nacionalisar e popularisar a alliança com a Inglaterra.

Uma boa lei antiga

Com vista ás eternas primaveras

Recortamos do Diario de Noticias:

Ahi pelos meados do seculo XVIII, foi decretado em Inglaterra para toda a mulher, de qualquer classe, solteira, casada ou viuva, que a datar da publicação d'aquelle aviso, tentasse seduzir ou encaminhar para o casamento qualquer dos subditos de sua magestade, por meio de perfumes, cabelos postiços, cosmeticos, sapatos de saltos altos, ancas falsas, etc., incorria nas penas estabelecidas pelas leis em vigor contra a feiticeira e manejos analogos, sendo o casamento declarado nullo!

Que espiga para certas manas

jacobinas que toda Guimarães conhece!

Na reunião do Congresso de 7 do corrente, o sr. dr. Affonso Costa, prestando contas da sua missão a Paris e Londres e referindo se ás negociações com o governo inglez sobre o aluguer dos navios requisitados, declarou que esse aluguer renderá aproximadamente 10:800 contos, no periodo d'um anno, dos quaes, deduzindo a despeza de reparação dos mesmos navios, que é relativamente insignificante, o resto será applicado a medidas de fomento economico.

Viagem sem effeito

Já não vae amanhã á Regua o sr. presidente da Republica. Vão só os srns. ministros do fomento e do trabalho.

Foram suspensos os agentes da policia de investigação Oliveira e Pires, por estarem implicados juntamente com o conhecido galuno «Escrinhão» e outro, num caso de burla que parece atingir mais de mil escudos.

Um artigo do «Radical»

Paris, 10.—Um artigo publicado em «Le Radical», recordando o discurso que o dr. Affonso Costa proferiu em Paris acerca da cooperação effectiva de Portugal na guerra e censurando a propaganda monarchica no momento em que Portugal se inscreve entre os membros do grande tribunal que julgará os imperios centrais, diz que Portugal, creando um exercito cria direitos que não serão esquecidos quando terminar o drama.—Esp.

LONDRES, 22—O «Echo Belga», diz saber de fonte segura que o vapor inglez «Brussels», que era commandado pelo capitão Fryatt que os allemães fuzilaram, levava espioes allemães a bordo e que a sua captura foi o fructo da espionagem allemã na Holanda.

Machinistas allemães foram mandados para a Holanda, disfarçados em prisioneiros russos e conseguidos ahi ser contratados para fazer parte da equipagem do «Brussels».

Assim, quando este foi atacado pelo submarino allemão que o aprisionou, os aludidos espioes «sabotaram» a machina, de modo que o «Brussels» não pode escapar ao inimigo.

UMA INSTITUIÇÃO MODELO

Ainda que syntheticamente, vamos referir-nos a uma Instituição de humanitarios fins, que é grande entre as grandes pelo que representa em beneficio da miseria physica e moral, e que marca indiscutivelmente proponderante logar aos que a olham com olhos de vêr.

Nascida neste Portugal, berço de organizações propensas ao Bem, é consolador registrar quanto tem avançado, significando altamente o dedicado esforço do benemerito portuguez que a erigiu e tem sustentado, embora com difficuldades em que avulta a pecuniaria.

Notavelmente orientada, ella de per si só constitue a justificação do nome generoso que gosa a alma meridional. Monumento da Caridade que anima os bons corações, dignifica e engrandece quem d'ella se approxime no desejo de a proteger.

Intencionalmente fundada para exercer uma benefica acção no grandioso campo das benemerencias humanas, tem-na inspirado uma grande dedicação civica na pessoa de Branco Rodrigues que a instituiu, poderosamente auxiliado pela iniciativa particular.

«Dar luz ao cego!» Eis o seu programma sem deficiencias.

Dar luz ao cego, sim, porque o cego quer ter a preponderancia resultante do conhecimento das cousas.

Espancar a treva que lhe invadida a quantidade de trabalho, sim, porque o cego precisa de ser animado com o orgulho das proprias aptidões instructivas e

profissionais dadas á humanidade. Torna-o util á sociedade para que esta não veja nelle a mesquinhez do necessitado, sim, porque o cego é suberaneamente facultado de sentidos, embora lhe falte o principal, para ser não só a méta do applauso que então constituirá o premio da sua educação, mas tambem objecto de enthusiasmo, filho d'esse sentimento que nos torna conhecedores do grau mais ou menos adiantado da competencia humana.

E o cego, que é por indole bom e constitue o exemplar da humildade, bem merece que lhe suavem a existencia, prodigalizando-lhe carinhos que o desvançam, apropriado-lhe os precisos cuidados de maneira a supprimir-lhe a luz que os seus orgãos visuaes não coam: fazendo-lhe adquirir a consciencia de que poderá viver com os fructos do seu proprio labôr, exercitando-o no santuario do trabalho onde todo o ser bem organizado de virtudes conquista a satisfação espirital.

E' notorio, conhecido de todos quasi completamente, quanto o cego é favorecido de intelligencia.

E, em verdade, para corroborar esta affirmacão não encontramos absolutamente difficuldade alguma. Limitando-nos aos nossos, citaremos Castilho cujo grau intellectual, elevadissimo, se pôde concluir com a leitura das suas producções integralmente trataveis de assumptos transcendentales, manejados com a precisão que lhes valeu a immortalidade do seu auctor. Foi um espirito superior, notavel pedagogo, foi, no dizer conceituoso do Snr. Conde de Samodães, «um genio, e estes nascem, mas assim como elle foi uma gloria para as letras patrias, possivel é que outros, com mais recursos educativos, o imitem».

Nesta conjunctura, todas as iniciativas, cujo ponto de vista seja tornar accessivel ao cego o benemerito systema de Braille, são merecedoras d'um quinhão dos beneficios espontaneamente dispensado pela nossa população á indigencia material e espirital, sem aborardarmos outras formas de miseria que infelizmente tem seio entre a humanidade soffredora.

O programma escolar d'este Instituto é completo e ninguem ha certamente que se negue a reconhecer-lhe a sua importancia.

A parte elemental preparatoria compõe-se de:—leitura, escripta pelo systema Braille e rudimentos de grammatica portugueza; noções elementares de calculo e de fórmulas geometricas; noções elementares de corographia e de historia de Portugal; canto coral, gymnastica e jogos de movimento; e trabalhos manuaes elementares, começando pelos de «Fröbel».

A complementar é formada por:—linguas portugueza e franceza; mathematica elemental; geographia geral elemental e historia physicas e naturaes; musica; afinar pianos; gymnastica e jogos de movimento; modelação; processos diversos de escripta plana; escripta mechanica; estenographia, pelo methodo de Branco Rodrigues para uso dos cegos; e trabalhos manuaes na secção professional.

Isto quanto ao programma de ensino.

Sobre a sua dotação, consiste ella nos donativos dos bemfeitores de cegos, nas quotas dos protectores do Instituto e nos legados com que os bemfeitores, em testamento ou por qualquer outra fórma, a contemplem.

¿Que mais dizer?... ¿Que é indispensavel a sua existencia? Sim, é indispensavel. A sua obra toma foros de grandiosa; e a dedicacão do seu fundador e director precisa de ser secundada com o auxilio das pessôas bemfazejas.

Attente-se no numero, embora

se considere com justificada razão incompletissimo, dos cegos (7.281) que nos fez conhecer uma estatistica feita por Branco Rodrigues em 1903, e á face d'elle se evidenciará a oportunidade d'um generoso movimento em beneficio dos infelizes ceguinhos.

Alteie-se mais ainda a fama caritativa que gosa o povo portuguez! Engrandeça-se o sentimento do «Bemfazer» com a protecção a um estabelecimento modelo. Anime-se o quadro das benemerencias com mais uma victoria da iniciativa humana, levando o Instituto de Cegos «Branco Rodrigues», orientador do ensino dos cegos em Portugal, a um nivel de prosperidades que lhe permitam a largueza de acção que possa irmanar-se com a devoção altruista de Branco Rodrigues.

Adquirase o convencimento grande e unico na sua significacão integral, de que o cego é digno de ser acolhido sob os mantos consoladores da Caridade e, terminando com este apello a que ligamos toda a nossa sinceridade de convencido, procure-se acalentar a esperanca no espirito dos cegos, para que a existencia desde já se lhes vá suavizando, de que melhores dias o esperam.

Fechando, pois, esta imprecisa noticia, vemo-nos arrastados a publicar, por em si dizerem muito, as seguintes palavras attribuidas ao conhecido publicista José Caldas: «O carinho, o amor, a religião, que abrem, para o cego, as portas da Vida, como a Desgraça fechou para elles as portas da Luz, tem, no seu esforço e no seu empenho, alguma cousa de santo, de sagrado, que me commove e confunde. A obra do educador, fazendo, por seu turno, que á escuridão dos olhos não corresponda a treva da alma que se desata no desespero pelo suicidio, é uma obra mais que humana,—é uma obra de Deus».

Do «Boletim de Beneficencia», publicado pela Commissão Executiva do 1.º Congresso Portuguez de Beneficencia.

SECÇÃO AGRICOLA

Catecismo Agrícola

(Continuação)

—Não leias artigos politicos nem jornaes politicos. A politica não serve para o lavrador.

—Não vás nem deixes ir teus filhos á taberna, porque é vicio a caminhar para o crime e doença que mal se cura.

—Não consintas que em tua casa se falle em bruxedos: se pragueje, falle da vida intima ou se pronunciem palavrões.

—Procura, que em todos os serviços de tua casa, haja sempre alegria. Todos os trabalhos do campo se devem fazer cantando.

—Não consintas que teus filhos menores andem armados, senão em uso de caça.

—Deleita-te e deleita a tua familia na pratica de bem, da honra e da justiça, mas fuge da justiça tanto como o diabo da Cruz.

—Procura pagar em dia as tuas contas e saberás os bons lucros que tiras.

—Faze o bem, e o bem e uma grande satisfação acharás em todos os teus negócios.

Arvores

Já te fallei d'algumas arvores de fructo que debes cultivar na tua terra.

Planta oliveiras que te dêem, pelo menos, azeite para o gasto de tua casa.

Teima e teima sempre na plantação de castanheiros.

As aveleiras são muito rusticas e dão fructos saborosos.

—Cuida dos laranjaes e limoeiros e abriga-os dos ventos com nespereiras que não podarás para serem mais fechadas e resistentes ao vento.

As nespereiras obtêm-se em poucos annos, de sementeira.

Planta, nas bouças e montados sobreiros, azinheiros, catvalhos e eucalyptos. No fundo dos valles, choupos que crescem rapidamente e dão uma madeira muito leve e que se paga bem para caixotaria.

As arvores fazem barreira aos ventos e tornam regular a abundancia d'aguas e têm o grande préstimo das madeiras e lenhas. Não te cances nunca de plantar.

A macieira, nos campos, dá bom fructo e serve muitissimo bem para arvore de videiras, e olha que a nossa videira, deixa-te de historias! gosta muito mais da arvore do que do ferro e a mais. Planta muitas, muitas estacas de macieira.

A arvore é o capital que mais juros dá e sem grandes cuidados. Não te esqueças: em outubro, até fins de dezembro, planta de tudo. Plantar tarde é arriscar a ficar sem arvore ou a perder um anno.

Laranjaes de Valencia

A vasta e grandiosa região agricola valenciana (Hespanha) é a mais fertil e importante da Europa, como tive occasião de observar em 1912, fazendo parte da commissão organisaada a expensas do snr. D. José Domenech, para estudo comparativo de culturas.

Foram 15 dias de agradável surpresa nos campos ou huertas de Valencia, visitando, tambem, Dénia e Barcelona, a bella capital catalã.

A huerta valenciana, cujo movimento agricola e de exportação observamos, é de riquissima produccão, como se pode ajuisar pela seguinte tabella de alguns generos exportados em 1910, só pelo porto de Valencia:

Tomate.....	157:188 caixas
Melões.....	249:999 »
Romãs.....	14:917 »
Cebola.....	2.120:956 »
Laranja.....	4.539:909 »

Isto não fallando em outros generos: trigo, feijão, amendoim, alfarroba, arroz, azeite, etc., etc.

Vê-se, pois, que a laranja exportada, só pelo porto de Valencia, attingiu a cifra de 4 milhões 539 mil e 709 caixas.

Attravessei um laranjal, em comboio, que, sem exagero, tinha 50 kilometros de comprimento por 8 ou 10 de largo, de Sagunto a Tarragona. Nesta ultima estação houve 20 minutos de demora; indagamos do cultivo, tratamento e produccão de laranja.

—Um dos maiores laranjaes que atravessaram, informaram-me, está arrendado annualmente por 18 contos!! E o caseiro obrigado a reformar todas as arvores de fructo á medida que se forem esgotando.»

Estas são dispostas em extensas filas á distancia longitudinal, de 8 metros e, cada taboleiro ou leira, á distancia de 12 a 15 metros. O terreno é plano e, se emprêgo a palavra taboleiro, é porque a plantação assim melhor dá a ideia de semelhança com a sementeira de meloas em galgueira: ao centro de cada taboleiro de lavadouro, está o renque de laranjeiras, para que uma abundante rega corra e fique por algumas horas calando a terra.

A laranjeira é ahi reproduzida por sementeira, nunca attingindo grande desenvolvimento como, de resto, todas as arvores de fructo, menos a alfarrobeira. A laranja e azeitona, apanham-se, servindo-se os homens da colheita, de um pequeno escadote de três ou quatro degraus para chegarem aos ramos mais altos da laranjeira ou da oliveira.

Os ramos da laranjeira pendem até ao chão, onde os primeiros fructos pousam.

A póda que lá vi é a de detoracão dos troncos e ramos envelhecidos. Se rebentam de novo, a arvore fica refeita; do contrario, ao segundo anno, é substituida por novo exemplar que não tem mais de 30 centimetros.

Nos espaços, cultiva-se a fava e o tremço e tambem vi, inter-

caladas, mas á distancia de 50 metros, oliveiras, pecegueiros, com uma ou outra figueira e macieira.

Na designação geral de laranjaes incluo as tangerineiras porém, estas, em muito menor numero.

Os laranjaes estão abrigados do Norte por uma cordilheira bastante elevada.

Os terrenos calcareos, a fertilidade das regas abundantes, servidas por canaes artificiaes, derivando para ahi a agua dos rios, o amanho e tratamento, são a grande riqueza d'estes terrenos. A laranja é muito sumenta, de optimo paladar, pesada mas de pequeno porte e de casca tão fina que não se descasca sem molhar as mãos.

Se só o porto de Valencia exporta, em média, 4 e meio milhões de caixas, todos os pequeninos portos do velho Reino de Valencia reunidos, exportam mais de 12 milhões de caixas de laranja e, assim, é que se comprehende que só a laranja dê á huerta valenciana alguns milhares de contos.

(Continua.)

NOTICIARIO

Diario Nacional

Dirigido pelo illustre estadista e brilhante homem de letras o Ex.º Snr. Conselheiro Ayres de Ornellas, vae seguindo a sua carreira triumphal este brilhante diario lisbonense cuja honrosa visita diariamente recebemos, distincção esta de que muito nos ufanamos, e que reconhecidamente agradecemos.

Pela auctoridade especial do illustre director, logar tenente do Rei e portanto chefe do partido monarchico, impõe-se a todo o monarchico que se preze, a obrigacão de o ler, obrigacão que, pelo brilho da sua variada redacção se torna num agradável prazer.

Ao seu preclaro Director e aos seus brilhantes colaboradores fazem os Echos de Guimarães os seus respeitosos cumprimentos e desejam ao novo jornal, que com o seu talento tanto illustram, um futuro prospero e dilatado e lhe protestam a sua incondicional solidariedade.

No nosso proximo numero faremos algumas considerações ao seu artigo de fundo do primeiro numero, ou antes, a critica a umas considerações que um jornal jacobino fez sobre esse mesmo artigo, o que agora não fazemos por absoluta impossibilidade.

Instituto Branco Rodrigues

(Estoril)

Exames de Cegos

Terminaram no dia 25 d'agosto na Escola Official de Cascaes os exames de instrucção primaria de 2.º grau, obtendo todos distincção, os seguintes alumnos cegos do Instituto Branco Rodrigues (Estoril):

Antonio d'Oliveira, de 11 annos de idade, de Celorico de Basto; Antonio Galante, de 12 annos, da Orca (Fundão) e Abilio Machado, de Capelludos (Villa Pouca d'Aguiar).

Nesta epocha fizeram tambem exame de instrucção primaria de 1.º grau, na mesma Escola Official, obtendo distincção, os seguintes alumnos cegos:

Amandio Dias d'Abreu, de 11 annos, de Tentugal; e José Godinho, de 12 annos, de Santhiago de Cacem, e ficaram approvados com a classificacão de bem, os ceguinhos:

João Lourenço, de 12 annos, de Caparica; Alvaro Simões Duarte, de 12 annos, de Penella; e Raymundo do Cacem, de 10 annos, de Santhiago de Cacem.

Exames no Lyceu Passos Manoel, de Lisboa
Fizeram exames de portuguez, correspondente ao 5.º anno dos lyceus, ficando approvados com alta classificacão os alumnos cegos:

Seraphim Joaquim João, de S. Bartholomeu de Messines (14 valores) e Ignacio Alexandre Cotreixa, de Panoias (Ourique) que obteve 13 valores.

Obteve distincção no exame de francez, correspondente tambem ao 5.º anno dos lyceus, o ceguinho José Correia, de Faro.

Exames no Conservatorio de Lisboa

Escola de Musica

Completaram o curso de rudimentos da Escola de Musica, fazendo o exame do 2.º e ultimo anno d'este curso os seguintes alumnos cegos:

Adriano de Figueiredo Meleiro, de Penalva do Castello (14 valores); Carlos da Conceição d'Almeida e Silva, de Fernando Pó (14 valores); José de Castro, de Cascaes (13 valores); Ignacio Alexandre Cotreixa, de Panoias (Ourique) 13 valores.

Escola de Canto

Passaram por media o 1.º anno da aula de canto:

Seraphim Joaquim João, de Messines e Francisco Lopes, de Vizeu.

Curso Geral de Piano

Passaram por media o 1.º anno do Curso de piano e fizeram exame do 2.º anno de piano obtendo todos 15 valores:

Francisco Lopes, de Vizeu; Adriano Figueiredo Meleiro, de Penalva do Castello e Seraphim Joaquim João, de Messines.

Fez exame do 3.º anno d'este curso obtendo distincção (16 valores) o alumno José Correia, de Faro.

Concluiu o Curso geral de Piano, fazendo dois brilhantes exames do 4.º e 5.º anno de Piano, o alumno Joaquim Nunes Pinto, que obteve em ambos 18 valores, distincção.

Ao todo tem sido feitos pelos alumnos cegos d'este Instituto, nas Escolas Officiaes Primarias, no Lyceu Passos Manoel e no Conservatorio de Lisboa, 77 exames obtendo outras tantas approvações e 35 distincções.

ARRENDAR-SE

A grande casa da Quinta das Lameiras, propria para Collegio ou grande familia. Tem capella, cocheira, cavalariça, agua de poço e de mina, installação electrica, grandes lojas para arrumos, quintaes, etc., etc.

Aluga-se do S. Miguel em deante, ou mesmo em antes, se assim convier. Pode ver-se aos domingos, das 2 horas ás 4 da tarde.

Grandes Armazens

Alugam-se na Quinta das Lameiras, proprios para celeiros, adegas, garages, etc.

VENDE-SE

O Palacete Minotes, sito no Largo das Lamellas, onde está funcionando o Collegio do snr. Padre José Maria da Silva.

Para tratar com o snr. João Alves Pimenta, solicitador, na Praça de S. Thiago, d'esta cidade.

3:000\$000 REIS

Dão-se a juros, sobre hypotheca.

Para esclarecimentos, fallar com o proprietario da Typographia Minerva Vimaranesense, Rua de Paio Galvão, 70.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á
Papellaria e Typographia Minerva Vimaranesse
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezeville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o:
Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com autorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:
Avulso, franco de porte. 30 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:
Preço 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

por José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.
A' venda na Papellaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.
Assignatura por anno 400 reis.
Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «especimen» que se remette gratis.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada
Director: FRANCISCO DE ALMEIDA
Auctor do Dicionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sabrá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso 40 rs.
Tomo de 32 paginas 160 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag.. 1\$500 rs.
Por semestre—26 n.^{os} 800 "
Por trimestre—13 n.^{os} 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, a fim de evitar embaraços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, aparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administração

133, Rua dos Poaes de S. Bento, 135—LISBOA

Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portugueza
- A hypothese do Homo Europæus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 reis

Acreece o porte do correio, 50 reis

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30
Indemnizações pa as, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL LARGO DE CAMÕES, 11
LISBOA

NESTA CIDADE — O consocio Antonio Luiz da Silva Dantas.
Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infalível contra a caspa. Desconto aos revendedores.
RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.
Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os certos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.
Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica
Qual é a forma da Terra?

por Mariotte

O livrinho "Qual é a forma da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expor ao grande publico a historia do grande problema scientifico da forma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III O achatamento terrestre

O problema do achatamento po, ar posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV A forma da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrífuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut. Anomalias da gravidade.—O geoido.

V Theoria tetraedrica da forma Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tre mores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.
PREÇO, 60 RS.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 21

Ex.^{mo} Snr.